

## Origem e implementação da variação

*Maria Cecília Mollica*  
*U. Federal Río de Janeiro*

*Este artigo trata de questão teórica na Sociolinguística que diz respeito a forma pela qual as regras variáveis surgem e se implementam nas línguas. Tomando como base a pesquisa do (de)queísmo na língua portuguesa que desenvolvi desde 1989, eu defendo a idéia de que as inovações linguísticas entram nas línguas já motivadas, mesmo que de forma branda e se tornam controladas mais fortemente por fatores internos e externos ao longo do tempo. Demonstro, por outro lado, que há um paralelo quanto ao (de)queísmo entre o espanhol e o português, com base nas evidências que encontrei em documentos diacrônicos e em resultados estatísticos. Os princípios de iconicidade, analogia e processamento explicam a existência latente do referido fenômeno em português, assim como foi comprovado para o espanhol por diversos pesquisadores que se voltaram sobre o tema.*

### 1. QUESTÕES CRUCIAIS<sup>1</sup>

A Sociolinguística preocupa-se fundamentalmente com a heterogeneidade e os câmbios linguísticos, posto que seu objetivo precípua é o de descrever os mecanismos complexos e universais responsáveis pelo controle e transmissão da variação linguística. Especialmente a partir das

<sup>1</sup> Este texto constitui versão revista modificada de comunicação apresentada no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras, realizado em agosto de 1992, na UFRJ.

reflexões em Labov (1981 e 1994), constatou-se que um grau de certeza máximo acerca de um fenômeno de mudança só é atingido num processo de averiguação de um dado fenômeno em que se analisam diferentes estágios de tempo da língua. Vale dizer, a confirmação de movimento de uma inovação, seja no sentido de retração seja no de implementação absoluta no sistema, só se verifica efetivamente por meio de evidências em tempo real.

Este texto é resultado de empreendimento de pesquisa diacrônica sobre o (de)queísmo em português em particular com a finalidade de responder às indagações de caráter mais amplo. Minha intenção primordial neste artigo é a de discutir questão teórica universal com base em pesquisa realizada sobre o fenômeno mencionado. Pretendo responder às clássicas perguntas: (a) a variação é condicionada desde o seu início? (b) Se (a) é verdadeiro, o processo de contextualização é gradual, ou é igual em todos os estágios de existência da variação?

## 2. FONTES DE DADOS PARA A ANÁLISE

Uma varredura sistemática em corpus constituído do século XII ao XIX permite colocar-se um ponto final quanto à gênese do (de) queísmo. A constituição dessa amostra baseou-se em critérios vários. Por exemplo, preferiram-se os textos de grau mais alto de oralidade e as edições mais confiáveis. Os dados foram extraídos de apenas 20% de cada obra, distribuídos igualmente do início, meio e fim. A descrição detalhada da composição da amostra encontra-se em Botelho (1991 a e b), Gonçalves & Botelho (1992) e Gonçalves (1993).

Quanto aos acervos consultados no início do século XX, vários recursos foram utilizados para se ter acesso ao que se pode imaginar de mais aproximado à língua falada: jornais, revistas, acervos orais em geral, quando existentes e disponíveis e/ou em condições para consulta. Todos os aspectos que envolvem a constituição e o acesso a tais fontes encontram-se também à disposição em relatórios (cf. Silva & Souza, 1992).

## 3. PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DE QUEISMO E DEQUEÍSMO

A investigação pormenorizada nos *corpora* autoriza finalmente afirmar-se que o (de)queísmo é imanente ao sistema do português em qualquer

estágio da língua: a variação está presente potencial e/ou verdadeiramente. É o que se evidencia a seguir no quadro A.

No quadro A, os séculos XII e XIII estão juntos, pois as obras consultadas desse período da língua são, na minoria, anônimas, de difícil datação conseqüentemente. Já os séculos XVIII e XIX apresentam-se conjuntamente, pois tivemos sérias dificuldades em trabalhar com edições originais e/ou confiáveis. Esse fato impossibilita-nos ter um grau mínimo de certeza quanto à fidedignidade dos textos. Tais razões impuseram portanto restrições à pesquisa: nos processos de quantificação dos dados, o procedimento de agrupamento dos séculos XII / XVIII e XVIII / XIX foi sempre mantido.

QUADRO A  
EXEMPLIFICAÇÃO DE ESTRUTURAS (DE)QUEÍSTAS  
EM TODOS OS SÉCULOS DA LÍNGUA

SÉCULOS	ENUNCIADOS
XII e XIII	“ <i>Dicemos, olhando para a molher de seu Senhor, de que tantas mercãs houveis recebido</i> ” (A arte de furtrar, p.05)
XIV	“Grandes senhores foram liados contra el Rey <i>de que se muyto temiam</i> ” (Chronica de el Rey D Affonso Rui de Pina, p. 03)
XV	“Estas coizas <i>de que</i> dicemos foram feytos por espaços de tempos, em vida del Rey D Affonso” (Chronica de D Affonso Henrique Duarte Galvão, p. 02)
XVI	“mas o que digo entendo <i>de que</i> se isso o fazem” (Espelho de casados)
XVII	“Não era assim com meu conhecido, tão discretamente confiado, que sempre apostava, a quem menos sabia, prezando-se <i>de que</i> ninguém melhor que elle ignorava, o que ignorava” (Apologos Dialogaes)

SÉCULOS	ENUNCIADOS
XVIII e XIX	<p>“Sem dúvida, que a saber <i>de que</i> falava de veras, perdera os meus sentidos e também apariência”</p> <p>(Anfitrião ou Júpiter e Alcmena)</p>
<p>SÉCULOS</p> <p>XX</p>	<p>ENUNCIADOS</p> <p>“Cumprindo disposições do Exm Presidente da República e do Ministério da Guerra, General Campos tenho a satisfação de avisar a Vossa Ex que expeço pelo correio a guia e os detalhes do conteúdo de três caixões em que vos são enviados modelos das armas <i>de que</i> usa o exército argentino e destinados ao Museu Militar de Artilheria do glorioso exército brasileiro”</p> <p>(Jornal “O País”- 1900)</p>

De acordo com o estudo de Mollica (1989, 1995 e 1998), o impulso inovatório na língua portuguesa consiste em inserir o nexos preposicional *de* em fronteiras sintagmáticas, entrando em luta com força natural do sistema, que é o de não inserir qualquer nexos. Em compêndios sobre a história do português medieval (cf. Mattos & Silva, 1986), verifica-se que a subordinação processa-se por meio do conector apenas, na gênese do latim para o português.

A pesquisa diacrônica sistemática revelou que o nexos preposicional começa a introduzir-se por volta do século XII / XIII, em fronteiras inter-sentenciais queístas, mais amplamente, e em fronteiras inter-sentenciais dequeístas, mais timidamente. Instalou-se a partir de então um campo variacional no sistema, no que se refere ao emprego das preposições nas relações de complementação. Verifica-se portanto que o queísmo, ao longo da história do português, implementou-se mais rapidamente, conforme se atesta nos quantitativos do Quadro B, em comparação ao dequeísmo.

QUADRO B  
 PERCENTUAL DE IMPLEMENTAÇÃO DE QUEÍSMO E  
 DEQUEÍSMO  
 AO LONGO DO TEMPO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Tempo e Fenômeno	Século XII e XIII	Século XIV	Século XV	Século XVI	Século XVII	Século XVIII e XIX	Total
Queísmo	9/34 = 26,4%	30/89 = 35,7%	12/45 = 26,6%	15/36 = 41,6%	24/36 = 66,6%	20/30 = 66,6%	110/232 = 47,4%
Dequeísmo	1/128 = 0,7%	12/273 = 4,3%	8/214 = 3,7%	9/158 = 5,6%	8/118 = 6,7%	7/136 = 5,1%	45/1027 = 4,3%

Ao observarem-se os quantitativos em B, queísmo e dequeísmo implementam-se gradualmente no sistema numa curva similar, porém em proporções diferentes. Cabe esclarecer que, vistos em separado, são entendidos como processos diametralmente opostos: o queísmo consiste em “perda” do nexos que, se olhado segundo a tradição gramatical, constitui desvio à norma; o dequeísmo, em contrapartida, compreende a “inserção” do nexos que, sob a ótica da gramática normativa, constitui erro. Assim, o binômio presença/ausência do nexos preposicional *de* diante de *que*, a depender da perspectiva que se adote, pode receber conotação *proscritiva*. No entanto, a consideração desse binômio como um único processo variacional - o (de)queísmo - é mais adequada e verdadeira de acordo com os fatos da língua. Em Mollica (op. cit.), comprovou-se que os parâmetros motivadores às estruturas queístas e dequeístas são os mesmos, oferecendo suporte à visão (de)queísta que adotamos.

#### 4. SISTEMATICIDADE DA VARIAÇÃO

O impulso inovatório em foco, altamente produtivo, não acontece por acaso. No estudo (já mencionado) realizado sobre enunciados (de)queístas do português hodierno, encontram-se seis grupos de fatores, considerados como um conjunto “ótimo”, contextualizadores do (de)queísmo. Essas

variáveis dão suporte a três princípios, postulados naquele estudo como reguladores da variação em foco: analogia, processamento e iconicidade.

O corte longitudinal no tempo que se realizou posteriormente teve como objetivo precípuo o de verificar se esses mesmos princípios estariam regulando o (de)queísmo desde os primórdios da língua. Eis o caminho para se responder à pergunta central aqui formulada: o início de uma variação se dá randômica ou condicionadamente?

Pelo menos no que concerne ao fenômeno de (de)queísmo, a resposta é: as inovações são contextualizadas desde o início, ainda que tenuemente.

QUADRO C  
(DE)QUEÍSMO: TESTAGEM DOS DADOS DO PORTUGUÊS HISTÓRICO  
COM TODOS OS GRUPOS DE FATORES

VARIÁVEIS	FATORES	PERCENTAGENS	PROBABILIDADES
1- CRUZAMENTO SINTÁTICO	COM ESTRUTURA CORRELATA	72/293 = 25%	.66
	SEM ESTRUTURA CORRELATA	131/991 = 13%	.45
2- INSERÇÃO DE COMPLEMENTO NOMINAL	COM INSERÇÃO	135/968 = 14%	.46
	SEM INSERÇÃO	68/316 = 22%	.46
3- SIMILITUDE FONO-GRAMATICAL	AUSÊNCIA DE <i>DE</i>	102/507 = 20%	.50
	<i>DE</i> DIVERSOS	85/706 = 12%	.48
	<i>DE</i> PREPOSIÇÃO	16/71 = 23%	.65
4- DISTÂNCIA DE <i>DE</i> / ( <i>DE</i> ) QUE	<i>DE</i> JUSTAPOSTO	27/185 = 15%	.38
	<i>DE</i> DISTANTE	69/572 = 12%	.45
	<i>DE</i> INEXISTENTE	107/527 = 20%	.59

VARIÁVEIS	FATORES	PERCENTAGENS	PROBABILIDADES
5- REFORÇO	COM REFORÇO	15/35 = 43%	.86
	SEM REFORÇO	188/1249 = 15%	.49
6- DISTÂNCIA (MATERIAL INTERFERENTE)	COM DISTÂNCIA	26/216 = 12%	.45
	SEM DISTÂNCIA	177/1068 = 17%	.51
7- PESSOA GRAMATICAL	1ª P. SING. / PL.	40/225 = 18%	.56
	2ª OU 3ª P. SING. / PL.	100/631 = 16%	.53
	IMPESSOAL	63/428 = 15%	.42

Há que se salientar que inúmeras testagens foram processadas em computador: (a) as variações por século, separando-se queísmo e dequeísmo; (b) as variáveis, em separado, dos dados queístas, do século XII ao XIX; (c) as variáveis, em separado, dos dados (de)queístas por cada século e com todos os séculos em conjunto. Observe-se também que os processamentos do tipo (a) e (b) ofereceram problemas de ordem técnica, pois o número de dados e o grau de variação por século é insuficiente do ponto de vista estatístico: o pacote VARBRUL apresentou muitos “knock-out”. Os processamentos do tipo (c) não ofereceram problemas técnicos estatisticamente falando; porém, por questão de espaço, de um lado, e em função da hipótese que defendo, por outro lado, os resultados referentes a (c) não serão apresentados nem discutidos aqui.

Insisto que só há *um* campo variacional cujas variantes são *o que* e *de que*, englobando, portanto, fronteiras queístas e dequeístas. É por esse motivo que os resultados apresentados e discutidos são do processamento do (de)queísmo, que compõem uma database de estruturas queístas e dequeístas, considerando-se como aplicação a inserção do *nexo de*.

Comparando-se os resultados da testagem de dados históricos com a testagem dos dados do português moderno, evidencia-se que algumas variáveis sistêmicas comprovadas na testagem do português moderno são pertinentes para o português histórico. O quadro C demonstra que o princípio da Analogia já agia no controle do (de)queísmo.

A variável “Cruzamento Sintático” dá respaldo ao princípio segundo o qual uma estrutura pode ser processada graças à associação de outro possível na língua. Por exemplo, o sintagma *eu tenho a impressão (de) que* não encontra equivalente perfeito em *eu impressiono de que*; não há simetria de significados entre eles, embora haja correlação das formas nominal e verbal envolvidas. Por outro lado, o sintagma *eu necessito (de) que* encontra seu equivalente na estrutura *eu tenho a necessidade (de) que*, nos níveis morfológico e semântico. Assim, estruturas equiparáveis semântico-sintaticamente, tanto queístas quanto dequeístas, possuem peso relativo maior (.66) do que as que oferecem possibilidade de operar cruzamento sintático (cf. peso relativo de .45).

Embutido neste mecanismo analógico, encontram-se também os aspectos referentes a processamento. Note-se que, ao introduzir ou deixar de introduzir o nexos preposicional *de*, é de se supor operação mental, consciente ou inconsciente: pode-se inferir, então, que o princípio de Processamento já estava atuando indiretamente.

Essa idéia tem precedência, na medida em que é ratificada pelos resultados dos grupos (3) e (5). O paralelismo formal (cf. Scherre, 1992 e Naro & Scherre, 1993) atua nos resultados desses grupos, como se pode verificar por meio das probabilidades associadas aos fatores (*de* preposição) e (com reforço): o nexos da fronteira emerge mais quando há elementos idênticos na cadeia anterior (cf. peso relativo de .86, para *com reforço*) e, de preferência, quando há propriedade gramatical idêntica: ou seja, *de* também é uma preposição (cf. peso relativo de .65 associado ao fator *de* = preposição).

Os demais grupos (2), (4) e (6), igualmente interessantes à comprovação de hipóteses de natureza psicolinguística, oferecem, no entanto, resultados contrários ao princípio do Processamento. Isso também ocorre para o princípio da Iconicidade, importante para dados do português antigo.

Esses são casos típicos de parâmetros que ainda não se mostram atuantes num certo estágio do sistema, embora passem a sê-lo no século XX. Tome-se, por exemplo, o caso da variável Distância, mais obviamente relacionada aos aspectos de processamento. Era de se esperar que *de* tivesse mais chance de surgir em enunciados nos quais, entre o elemento nuclear (verbal ou nominal) e a fronteira inter-sentencial, houvesse a “intromissão” de outros elementos (*material interferente*). Enunciados como *eu tenho a necessidade, assim, (de) que*, em dados do português moderno, apresentam mais *de* na fronteira.

Para esses casos, a interpretação aventada em trabalho anterior propõe *de* como um *facilitador* do processamento, atuando como uma âncora entre o conector da fronteira e o núcleo da matriz. Segundo o Quadro C, os pesos



relativos correlacionados a com material interferente e a *sem material interferente* estão invertidos, segundo a hipótese; apontam conseqüentemente para a direção contrária, no caso do português antigo. Assim como a Distância, as demais variáveis (2) e (6) ainda não atuam de forma interessante no português antigo. Comprova-se então que há controle de algumas variáveis e não de outras, quando confrontados o português moderno e antigo (cf. Mollica, 1989).

## 5. ENTRADA E TRAJETÓRIA DA VARIAÇÃO

Baseando-se nos achados mostrados aqui e em outros textos sobre o (de)queísmo em português já mencionados, sinto-me em melhores condições de responder às questões formuladas. É de se supor que, no início, as inovações não se instalem por acaso nos sistemas, tampouco neles permaneçam aleatoriamente. Senão vejamos.

A introdução de *de que* como variante inovadora de conexão intersentencial (cf. Mollica, 1992) possui razões semânticas. Enquanto nexos preposicionais, *de* é altamente *produtivo* na língua e uma pesquisa aprofundada a respeito poderia chegar às causas profundas desse fato. No entanto, não é difícil avaliar-se a alta produtividade de *de* em função de sua carga semântica considerável. A preposição *de* é, dentre as demais, a que talvez apresente maior número de acepções (cf. Ladeira, 1977).

Conjuntamente com as variáveis do quadro C, procedeu-se ao processamento dos dados por século de tal modo que cada estágio foi tomado como um fator em novo grupo. Os resultados corroboram o princípio segundo o qual a trajetória de implementação realiza-se gradual e paulatinamente.

QUADRO D  
PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DO (DE)QUEÍSMO POR SÉCULO

VARIÁVEIS	%	PESO RELATIVO
Séculos XII / XIII	10/160 = 6%	.24
Século XIV	40/355 = 11%	.39
Século XV	19/257 = 7%	.28
Século XVI	25/195 = 13%	.42
Século XVII	30/153 = 20%	.52
Séculos XVIII / XIX	24/164 = 15%	.43
Século XX	449/1113 = 40%	

Além de introduzir-se motivadamente, o encaixe de *de* no universo variacional (de)queísta sempre esteve contextualizado. A princípio, tenuamente motivado, aumentando gradual, paulatino e sistematicamente na história da língua. Esses fatos me autorizam a ousar postular princípio mais geral: a variação lingüística se instala, inicialmente, pouco motivada e se implementa, gradualmente, no sistema, proporcionalmente ao grau de controle das variáveis que a contextualizam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTELHO, FERNANDA OTERO, 1991a, "Rastreamento de dados (de)queístas em corpora diacrônico", em Relatório parcial de bolsa de IC entregue à FAPERJ, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, mimeo, 1-14.
- BOTELHO, FERNANDA OTERO, 1991b, "Rastreamento de dados (de)queístas em corpora diacrônico", em Relatório final de bolsa de IC entregue à FAPERJ, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, mimeo, 1-11.
- BOTELHO, FERNANDA OTERO & GONÇALVES, CARLOS ALEXANDRE VICTÓRIO, 1987, "Suportes para um estudo de fenômenos variáveis em corpora diacrônicos: o curso (de)queísmo", em *Anais do XXXIX Seminário do GEL*, vol 1, Fundação Educacional "Dr Raul Bauab", Franca, São Paulo, 311-316.
- LABOV, WILLIAM, 1981. "On the use of the present to explain the past", em HAIMAN, I (org), *The Eleventh International Congress of Linguistic*, Florence, 2, 825-851.
- , 1981, "What can be learned about change in progress from synchronic description?", em SABKOFF, DAVID & CEDERGREEN, HENRIETTA (org), *Variation omnibus*, Canadá, Linguistic Research INC, 177-199.
- , 1994, *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Blackwell, Oxford UK & Cambridge USA.
- MATTOS E SILVA, ROSA VIRGÍNIA, 1989, *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MOLLIÇA, MARIA CECILIA, 1989, "Queísmo e dequeísmo no português do Brasil", em Tese de Doutorado, UFRJ, mimeo, 1-306.
- MOLLIÇA, MARIA CECILIA, 1992, "Difusão lexical em sintaxe", em *Revistas de Estudos da Linguagem*, Faculdade de Letras, UFMG, ano I, nº 1, 43-51.
- MOLLIÇA, MARIA CECILIA. 1992, "Processing and morpho-semantic effects in complementation in Brazilian Portuguese", em *Language variation and change*, 3, Cambridge University Press, 265-274.
- MOLLIÇA, MARIA CECILIA. 1995, *(De) que falamos? Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro.
- MOLLIÇA, MARIA CECILIA. 1998, "Mecanismos de indeterminação do sistema preposicional". IN: GROBE, S. & ZIMMERMANN, KLAUS(eds.) *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main, p. 357-69.
- SCHERRE, MARIA MARTA PEREIRA & NARO, ANTHONY JULIUS, 1990, "Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil", em *Delta*, São Paulo.

- SCHERRE, MARIA MARTA PEREIRA, 1992, "Paralelismo formal e cognição", ABRALIN (Boletim da Associação Brasileira de Linguística), *Boletim 13*, 43-53.
- SILVA, MARIA DA CONCEIÇÃO F. DA & SOUZA, ANA MARIA, 1987, "O dequeísmo no século XX: de 1900 aos dias atuais", em *Anais do XXXIX Seminário do GEL*, vol 1, Fundação Educacional "Dr Raul Bauab", Franca, São Paulo, 318-325.
- TRUDGILL, PETER, s.a., "Norwich Revisited: recent linguistic changes in an English urban dialect", mimeo, 1-15.